

# “O congelamento é uma situação de ‘corner’ em que a sociedade se coloca”

por Cynthia Malta  
de São Paulo

A indexação, ou mais especificamente o repasse de aumentos de custos de produção e reajustes de salário aos preços, é uma das principais preocupações da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello. A ministra, que na última sexta-feira falou a uma plateia de cerca de 150 executivos em São Paulo, pediu aos empresários que “continuem a resistir” a pedidos por maiores salários porque, caso sejam atendidos, “não poderão ser repassados aos preços.”

Na opinião da ministra, que proferiu palestra no encerramento do Brazil Forum (ver página 6), promovido pelo World Economic Forum (WEF), “o problema fundamental da economia brasileira é a indexação, usado como um guarda-chuva para proteger a ineficiência”. A indexação, segundo Zélia, afastou a indústria nacional de investimentos em tecnologia e os trabalhadores de reivindicar melhores condições de trabalho, além de aumento de salário. “Os trabalhadores não estão sabendo negociar. A discussão tem que ser em outros termos e

os empresários têm que entender e conduzir para outro lado”, disse a ministra.

O presidente da Staroup, André Ranschburg, presente ao evento, observando ser “difícil” comentar a recomendação da ministra, afirmou: “Para retomar o crescimento precisamos melhorar o poder aquisitivo. Não vejo como isso pode acontecer sem aumento de salário”.

Para o presidente do grupo Nestlé, Alexander Mahler, “a indexação é o grande dilema do Brasil. Que eu saiba, não está terminada”. Em sua opinião, o processo de estabilização da economia passa por uma recessão, que inclui, inevitavelmente, o achatamento salarial. “Se você quer romper com a inflação, não há dúvida de que o País vai ter que passar por uma recessão. Isso acontece em qualquer país que esteja apertando o cinto. O problema é que há dez anos o Brasil aperta o cinto sem sair do buraco”, disse Mahler.

Respondendo a uma pergunta feita por um dos empresários estrangeiros sobre o motivo que teria levado o governo a alterar a linha de liberalização da economia com a edição do Plano Collor II, a ministra afirmou: “O único ponto que mudou foi o controle de preços”. Continuou explicando que “o congelamento é uma situação de ‘corner’ em que a própria sociedade se coloca”. O governo deverá manter os preços sob controle, lembrou a ministra, “até acabarem as expectativas”. Observando o quão difícil é combater a inflação, Zélia comentou: “A inflação no Brasil tem sócios nos setores privado e público e nos sindicatos.” Acrescentou: “Hoje há pouco interesse em combater a inflação e encontramos poucos parceiros para isso”.

Outro empresário observou à ministra que a adoção do congelamento parecia indicar a opção do governo pela “anestesia” ao invés da cura do paciente.

“Precisamos dessa muleta mas não acredito nela como elemento fundamental da estabilização”, respondeu a ministra.

O governo, segundo Zélia, não está preocupado com uma possível queda na receita, diante da redução do nível de atividade econômica. “Ao contrário. Embora tenhamos resistências até dentro do próprio governo, propusemos a renúncia fiscal”, afirmou a ministra, referindo-se à isenção de Impostos de Produtos Industrializados (IPI) sobre a compra de máquinas e equipamentos.

Após finalizar sua palestra e responder às perguntas dos participantes, Zélia, depois de encerrar o encontro a portas fechadas, informou que as câmaras setoriais iriam ser instaladas nesta semana. Lamentou o fato de o presidente da Lorenzetti, Aldo Lorenzetti, ter obtido liminar alegando inconstitucionalidade da política do controle de preços e avisou: “Vamos recorrer”.